

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT02.026

A SORTE NAS CASAS APOSTAS ESPORTIVAS NO BRASIL: UM DOS INSTRUMENTOS DA IDEOLOGIA NEOLIBERAL

Agenor Florêncio Costa Neto¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a relação entre as apostas esportivas, a ideologia neoliberal e seus impactos no Brasil. Para isso na introdução do texto foi realizado o levantamento prévio com a seguinte pergunta norteadora: Quais as relações existentes entre a credibilidade popular na ideia de sorte e a ideologia neoliberal? Inicialmente a resposta provisória ao problema proposto é a de que os problemas estruturantes da sociedade capitalista no contexto do neoliberalismo são ocultados ideologicamente pela condição alegórica da sorte enquanto fator determinante para a obtenção de sucesso. Para explicar adequadamente o fio condutor da pesquisa o presente artigo foi dividido em três partes: no início vamos argumentar como a ideologia neoliberal ganhou alcance e, para isso, realizaremos uma sucinta retomada histórica explicando o debate sobre a regulamentação das apostas e jogos de azar no país; em seguida, vamos abordar a construção social da ideia de jogo enquanto algo intrínseco a própria produção cultural da humanidade, mas que após a revolução informacional ganhou um aspecto fetichizado; Por fim, a pretensão é argumentar como a estrutura ideológica do sistema de recompensa fomentada pelas apostas esportivas proporcionam um estreita-

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- florencioagenor@gmail.com

mento entre a ideia de sorte e o discurso alegórico de meritocracia difundido amplamente no cotidiano.

Palavras-chave: Artigo completo, Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte.

INTRODUÇÃO

A relação entre sorte e meritocracia nas apostas esportivas possui uma relação intrínseca à ideologia neoliberal utilizada com o objetivo para falsear a estrutura de jogos viciada pelos interesses da acumulação e, com isso, neutralizam e, até justificam, as desigualdades econômicas. O presente artigo procura responder provisoriamente ao seguinte problema de pesquisa: Quais as relações existentes entre a credibilidade popular na ideia de sorte e a ideologia neoliberal? Inicialmente a resposta provisória ao problema proposto é a de que os problemas estruturantes da sociedade capitalista no contexto do neoliberalismo são ocultados ideologicamente pela condição alegórica da sorte enquanto fator determinante para a obtenção de sucesso.

Para explicar adequadamente o fio condutor da pesquisa o presente artigo foi dividido em três partes: no início vamos argumentar como a ideologia neoliberal ganhou alcance e, para isso, realizaremos uma sucinta retomada histórica explicando o debate sobre a regulamentação das apostas e jogos de azar no país; em seguida, vamos abordar a construção social da ideia de jogo enquanto algo intrínseco a própria produção cultural da humanidade, mas que após a revolução informacional ganhou um aspecto fetichizado; Por fim, a pretensão é argumentar como a estrutura ideológica do sistema de recompensa fomentada pelas apostas esportivas proporcionam um estreitamento entre a ideia de sorte e o discurso alegórico de meritocracia difundido amplamente no cotidiano.

1. A CONJUNTURA DO NEOLIBERALISMO E A REGULAMENTAÇÃO DAS APOSTAS NO BRASIL

O Brasil foi um dos últimos países da América Latina a aderir a ideologia neoliberal em sua estrutura econômica e isso ocorreu devido as dificuldades vivenciadas pelo Modelo de Substituição de Importações (MSI) e pelos movimentos sociais na qual lutavam pela agenda trabalha-

dora de lutas pela reforma agrária no campo (resultou no surgimento do Movimento Social Sem-Terra); pela luta pela ampliação da participação popular na luta política partidária (a fundação do Partido dos Trabalhadores); pela luta por direitos trabalhistas que resultou em 05 greves gerais e no surgimento da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Tal cenário de luta da classe trabalhadora pela busca por direitos ocorreu com ênfase entre 1980-1989 e como a mobilização política ultrapassou a pauta pela ampliação dos direitos em diversas esferas. Com o objetivo de procurar frear qualquer expressão de origem popular na que ameaçava o controle político da sociedade proporcionou a escolha Fernando Color de Melo como o nome responsável para representar os interesses do capital na introdução do neoliberalismo no Brasil a partir da eleição de 1989.

Mesmo um ano após a promulgação da Constituição de 1988 que representava, na teoria, uma resposta as pressões populares dos últimos anos para a efetivação de direitos civis, direitos sociais e direitos políticos, a vitória de Color de Melo representou uma reconfiguração política das frações da classe dominante vigentes no país, aliados aos interesses dos novos ricos em propor uma reorganização da atuação do Estado diferente do Estado de Bem-Estar social vigente na Europa entre 1940 e 1970.

É pertinente situar o leitor que o processo de implementação do neoliberal ocorreu de modo complexo devido a particularidade histórica da sociedade brasileira (nota de rodapé sobre isso): o período inicial foi turbulento, pois Color adota as primeiras diretrizes neoliberais e ocorre a consequente ruptura com o MSI ao congelar salários, reduzir preços e baixas taxas de juros para atrair capital estrangeiro, além da privatização de estatais e da redução de barreiras comerciais com o objetivo de integrar o mercado global.

Tivemos em Fernando Henrique Cardoso (FHC) uma sequência de medidas para a sequência da implementação do neoliberalismo no país: a adoção de políticas de austeridade para conter gastos e alinhar o país a economia global trouxe como consequência o aumento da desigualdade

social de forma exponencial, além de construir o discurso ideológico de que a privatização de setores específicos seria fundamental para estabilizar a economia e conduzir o país a redução dos problemas sociais vigente (Fato de que caminhou para um sentido contrário).

No tocante aos jogos de azar houve uma tentativa embrionária de modificar o Decreto-Lei nº 9.215/1946 criada durante o governo ditatorial Gaspar Dutra com o objetivo de moralizar os jogos de azar. No início do segundo mandato do governo FHC, o objetivo era flexibilizar o decreto do período militar com o objetivo de aumentar o turismo no país com a regulamentação de cassinos e casas de jogos, mas não houve avanço.

Durante os dois primeiros mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) as medidas adotadas garantiram a consolidação do neoliberalismo: com a manutenção Antônio Palocci como Ministro da Fazenda e Henrique Meireles a frente das pastas o governo manteve a meta do superavit primário com o objetivo de pagar a dívida externa e garantir a confiança dos mercados. Apesar de programas sociais eficazes como o Fome Zero e o Bolsa família, o governo Lula conseguiu aliviar a pobreza extrema no país, mas foi pragmático ao aumentar o tempo de aposentadoria, ao promover concessões em setores como estradas e aeroportos além manter a taxa de juros alta para manter políticas sociais e, de modo complexo, a manutenção de fundamentos essenciais do neoliberalismo.

Com o objetivo de aumentar a arrecadação, o governo Lula tentou propor via projeto de lei, enviado para o congresso em 2004, a tentativa de regulamentar a exploração de cassinos e atividades diversas com o objetivo de arrecadar recursos para a educação e o esporte, mas foi alvo de críticas, mesmo com a ideia de regulamentar o cassino em áreas de grande concentração turística no país, como o Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Salvador. Para amenizar a situação e não prejudicar o início do seu governo ainda em 2004, a polícia federal deflagrou a Operação Hurricane que passou a fechar casas de cassino e jogos clandestinos e assim o Decreto-Lei nº 9.215/1946 permaneceu vigente.

Durante o governo Dilma Rousseff (2011-2016), o cenário da crise de 2008 passa a ser um espectro no país e a pressão do capital externo conduz o governo a adotar medidas radicais a luz da doutrina neoliberal: após as jornadas de junho de 2013, por exemplo, o governo sofre grande pressão externa e passa a cortar gastos e aumentar os impostos, mas o cenário torna-se escorregadio logo após a sua reeleição com o aumento do desemprego, das desigualdades sociais e mesmo com a nomeação de Joaquim Levy, defensor ferrenho de uma agenda cada vez mais neoliberal, em 2016 Dilma Rousseff sofre um golpe de Estado e assiste o vice presidente Michel Temer assumir apoiar o processo de impeachment e assumir a presidência até o cenário eleitoral de 2018.

Para a presente pesquisa, o ponto pertinente ocorre em 2014 quando surge o projeto de Lei 186/2014 que propunha a legalização dos jogos de azar no país: do cassino ao jogo do bicho, o objetivo era unir a legalidade com a arrecadação tributária e novamente não avançou. Dessa vez, setores do congresso vinculados ao protestantismo atribuíram a argumentação moral, de cunho religioso, para impedir o avanço da pauta.

Com Michel Temer a frente o país se ver mergulhado no neoliberalismo após a busca pela implementação do programa PMDbista “uma ponte para o futuro” cujo documento defendia o avanço do livre mercado, a urgente redução da atuação política, jurídica e econômica do Estado: a reforma trabalhista, uma nova e mais voraz reforma da previdência social, além da reforma do ensino médio marcaram as ações de Temer durante os dois anos que esteve interinamente a frente do país.

O ponto interessante para a presente pesquisa ocorre no governo Temer com a Lei 13.756/2018: já sancionada em dezembro de 2018, no final do seu governo, as apostas esportivas e jogos de azar deixam de ser considerados proibidos desde 1946 e passam a ser fomentados e compreendidos como uma oportunidade para gerar receita para o Estado brasileiro. O argumento utilizado foi que os eventos da Copa do Mundo de 2014 e os jogos Olímpicos de 2016 deixaram o imaginário do esporte legitimados e que liberar a prática de jogos de azar seria uma alternativa

para poder aumentar a circulação de renda sobretudo entre os brasileiros e parte dos recursos recolhidos dessas apostas eram destinados para áreas como turismo, esporte e segurança pública.

Durante 2019 e 2019 o governo de Jair Messias Bolsonaro ficou marcado pela flexibilização de leis ambientais em prol do desmatamento e da mineração, pela busca da redução burocrática de caminhos administrativos essenciais para a dinâmica pública brasileira. A consequência foi o aprofundamento das bases do neoliberalismo e o aumento da pobreza e desigualdades sociais no país. Sobretudo durante a pandemia, o discurso neoliberal e o negacionismo foram a tônica do malogro bolsonarista até o final do seu mandato.

Durante a terceira passagem do governo Lula a frente da presidência da República (2023- até os dias atuais) o cenário neoliberal pós governo Bolsonaro levou o capital financeiro a fomentar um governo de coalização que resultou na chapa Lula-Alckimin e sob o lema “união e reconstrução” as políticas do Estado brasileiro são complexas, pois envolve o desafio de reduzir a taxa de juros, aumentar reduzir o desemprego no contexto da uberização e ainda garantir os interesses do agronegócio vem sendo a tônica da conjuntura atual.

Em 2022, o Projeto de Lei nº 2234, de 2022, que dispõe sobre a exploração de jogos e apostas em todo o território nacional. Com o objetivo de arrecadar mais impostos e garantir o aumento do turismo no país a medida tramita no senado o projeto de lei que busca regulamentar as “bets” e outras atividades com a mesma característica no país. Devido a polarização política acentuada durante o período pós-eleições de 2022 as teses são diametralmente opostas: a base do governo acredita que as medidas vão aumentar a fiscalização e vão proteger as famílias vulneráveis que utilizam parte do recurso oriundos de programas sociais para apostarem, mas os contrários ao governo afirmam que a regulamentação das casas de apostas apenas vão garantir a arrecadação no país sem debater pontos centrais como os cuidados com a saúde mental das pessoas

viciadas em apostas e a falta de debate sobre os influenciadores digitais e o demasiado e errático fomento as casas de apostas.

2. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDEIA DE JOGO E O ENCONTRO COM A IDEOLOGIA NEOLIBERAL

A referência adotada como fio condutor para compreender o jogo enquanto um processo de construção social, no presente trabalho, tem como base as contribuições Huizinga (1999) na obra *homo ludens*. Na obra, o argumento inicial é de que o jogo é uma manifestação cultural antiga e intrínseca que chega a anteceder a construção cultural, mas entende-se que o autor escreveu a obra se dá no final da década de 1930 e na contemporaneidade as discussões antropológicas nos permitem compreender que o jogo é algo que acompanha o processo de construção social da realidade desde a relação do ser humano com o meio social, ou seja, desde os primeiros passos para a construção da ideia subjetiva e objetiva de cultura.

As grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde o início, inteiramente marcadas pelo jogo. Como, por exemplo, no caso da linguagem, esse primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e comandar (Huizinga, 1999, p. 7).

O jogo ganha uma performance lúdica, no início do processo de socialização e depois pode ganhar outras roupagens que mudam de acordo com o contexto social no qual estão inseridos: pode ser utilizado como um instrumento de guerra, como elemento produtor do riso, como peça indispensável para as crianças compreenderem parte dos costumes de seu contexto cultural e, além disso, possuir uma relação com o sagrado.

Dentro da esfera sagrada, podemos levar em consideração a própria construção dos ritos de passagens das instituições religiosas: elas tomam como referência uma dinâmica na qual os agentes que participam do rito desenvolvem papéis sociais nos quais jogam sem perceber que assim

fazem, mas garantem subjetivamente a prática do jogo com regras direcionadas de acordo com a condição sagrada e todas as possibilidades metafísicas e alegóricas em questão.

Além das características vinculadas ao sagrado ou ao maravilhamento que o ato de jogar conduz as pessoas que praticam, Huizinga chama a atenção para os efeitos que envolvem a excitação e a fascinação: esse movimento duplo tem força psicológica quando o simples ato de jogar produz um efeito imaginativo no jogador levando-o ao fascínio e, por outro lado, o aspecto biológico ganha força uma vez que a excitação leva ao desenvolvimento de uma condição que influencia diretamente na condição metabólica e, sobretudo, cultural dos seres humanos envolvidos na trama lúdica. Nas palavras de Huizinga

Quem diz competição, diz jogo. Conforme já vimos, não há razão alguma para recusar a qualquer tipo de competição o caráter de um jogo. O lúdico e o competitivo, elevados àquele plano de seriedade sagrada que toda sociedade exige para sua justiça, continuam ainda hoje sendo perceptíveis em todas as formas da vida (Huizinga, 1999 p. 88).

Diante desses direcionamentos surge uma pergunta pertinente: se o jogo e a competição possuem uma relação cultural e quem em determinado momento o aspecto sagrado se entrelaça na trama lúdica, quais relações podemos estabelecer entre o jogo e os efeitos psicológicos nas apostas esportivas?

Vamos perceber na próxima seção que a estrutura meritocrática fomentada pela ideologia neoliberal e o aumento da propaganda vinculada ao jogo leva as apostas esportivas para uma condição psicológica que impede os jogadores a compreenderem que a sorte é apenas uma estratégia de dominação que o neoliberalismo construiu para ofuscar a concepção de fracasso de um sistema que já em sua gênese é excludente e desigual.

3. A IDEOLOGIA MARXIANA E O FALSEAMENTO DA REALIDADE DAS APOSTAS ESPORTIVAS NO CENÁRIO NEOLIBERAL

Trazer a ideologia para o presente trabalho não é uma tarefa fácil haja vista que a tradição marxista aborda o conceito de várias maneiras ao longo da história. Por isso, a referência que será adotada para compreender as apostas esportivas e a relação com a doutrina neoliberal é a proposta por Karl Marx e Friedrich Engels: na obra “A ideologia alemã” o conceito possui a compreensão crítica de que existe um processo de falseamento da realidade cuja sociedade capitalista utiliza diversos mecanismos para garantir a dominação de classes e as ideias são deturpadas para que a realidade seja compreendida de acordo com os interesses da classe dominante.

Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir do seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital (Marx; Engels 1998: 19).

A falsa consciência que a ideologia produz leva os sujeitos a estabelecerem relações concretas sem a devida tomada de consciência de como a realidade se apresenta e passam a compreender o real a partir da pseudo-concreticidade da vida e, em suma, a vida que deveria ser compreendida no seu sentido puro e real passa a ser compreendida de modo inverso produzindo, assim, valores sociais que impedem a classe trabalhadoras compreender as contradições sociais existentes.

Mas como é possível relacionar a ideologia dominante com a conjuntura neoliberal e as apostas esportivas? A interação existente entre sorte e meritocracia na ideologia neoliberal encontrou nas apostas esportivas a sua base para se apoiar e profanar os discursos de justiça e meritocracia. Num cenário tomado por influenciadores digitais que são patrocinados

para divulgar jogos de azar e casas de apostas o ideal de sucesso e êxito vendido é camuflado com o discurso de sorte quando o sucesso esperado não acontece.

Logo a ideologia neoliberal naturaliza as desigualdades sociais e econômicas vigentes e, o ato de jogar para passar o tempo ou para ser bem-sucedido passa a ser camuflado pela ideia de sorte. O acaso, então, passa a ser a perspectiva alternativa ao discurso meritocrático quando o ideário de sucesso após trabalho árduo e o talento não acontecem como a ideologia neoliberal propõe.

Ora, se o ato de jogar nas casas de apostas são direcionados para o discurso da sorte no ideário neoliberal, o ato de jogar deixa de ser um simples ato intuitivo, prazeroso e direcionado para ser ideologicamente transformado em algo voltado para a estratégia em prol da acumulação de capital e não dá apenas da sorte enquanto algo alegórico e fora da compreensão humana.

METODOLOGIA

O presente estudo possui caráter qualitativo, fundamentado na análise crítica e interpretativa de caráter teórico-documental. A pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento bibliográfico que contempla obras clássicas e contemporâneas sobre ideologia, neoliberalismo e cultura do jogo, com ênfase nos aportes de Marx, Engels, Althusser, Bourdieu, Dardot e Laval, bem como nas contribuições de Huizinga e Caillois sobre o lúdico e suas dimensões simbólicas. Foram também considerados documentos legais e produções acadêmicas recentes acerca da regulamentação das apostas no Brasil, permitindo relacionar o avanço neoliberal às transformações culturais e econômicas do país. A metodologia consistiu na análise de conteúdo dos textos selecionados, articulando-os de modo dialético às contradições entre sorte, meritocracia e ideologia no contexto das apostas esportivas. Assim, o estudo assume um viés crítico-interpretativo, buscando compreender o fenômeno das apostas como

expressão simbólica da racionalidade neoliberal e de seus mecanismos de legitimação social.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo fundamenta-se em uma perspectiva crítica que busca compreender a relação entre neoliberalismo, ideologia e cultura do jogo. Parte-se do pressuposto marxiano de que a ideologia opera como um mecanismo de falseamento da realidade, conforme exposto por Marx e Engels em *A ideologia alemã* (1998), e reelaborado por Althusser (1985) ao destacar os aparelhos ideológicos de Estado como instrumentos de reprodução das relações de dominação. Nessa linha, autores como Dardot e Laval (2016) e Harvey (2005) contribuem para compreender o neoliberalismo como uma racionalidade política que estende a lógica de mercado às esferas da vida cotidiana, transformando o sujeito em empreendedor de si e naturalizando a competição permanente.

No campo simbólico e cultural, a reflexão de Huizinga (1999) e Caillois (1990) acerca do jogo permite compreender como a ludicidade, originalmente associada à cultura e ao sagrado, foi resignificada no capitalismo contemporâneo, adquirindo um caráter fetichizado e mercadológico. Essa dimensão lúdica, quando capturada pela lógica neoliberal, converte-se em instrumento de controle e sedução, sustentando o imaginário da sorte como promessa de ascensão individual.

Por fim, dialoga-se com autores contemporâneos como Byung-Chul Han (2019) e Michael Sandel (2020), que evidenciam a corrosão ética e afetiva produzida pela sociedade do desempenho e pela tirania do mérito. Desse modo, o referencial teórico articula o debate entre economia política, sociologia crítica e filosofia moral, permitindo compreender as apostas esportivas como expressão concreta da ideologia neoliberal e de seus dispositivos de naturalização da desigualdade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados bibliográficos e documentais revelou que o avanço das apostas esportivas no Brasil não pode ser compreendido apenas como um fenômeno econômico ou de lazer, mas como expressão simbólica da racionalidade neoliberal. Observou-se que a ideologia da sorte opera como um dispositivo de legitimação das desigualdades, deslocando a responsabilidade coletiva para o âmbito individual, ao passo que o fracasso é atribuído à ausência de mérito e o sucesso à conjunção entre esforço e acaso. Essa relação se manifesta na intensa publicidade das plataformas de apostas e na atuação dos influenciadores digitais, que reforçam o imaginário de ascensão imediata e o consumo como forma de reconhecimento social.

Os resultados indicam que o discurso meritocrático, ao se fundir à retórica da sorte, consolida uma forma de fetichismo social (Marx, 1998), na qual o ganho individual substitui a consciência de classe e o acaso é transformado em virtude. Essa simbiose entre mérito e sorte traduz o núcleo ideológico do neoliberalismo, descrito por Dardot e Laval (2016), segundo o qual o sujeito é compelido a se perceber como empresa de si mesmo. Nesse sentido, as apostas esportivas materializam a transposição da lógica de mercado para a esfera do jogo, onde o risco, a incerteza e a competição tornam-se valores desejáveis e normalizados.

Constatou-se ainda que a regulamentação recente das apostas no país, sob o argumento de incremento da arrecadação estatal, não rompe com essa lógica, mas a reforça. Ao integrar o jogo à economia formal, o Estado atua como mediador da financeirização da esperança, transformando o lúdico em mercadoria e a incerteza em política pública de geração de receita. Essa dinâmica reafirma a tese de que o neoliberalismo não apenas produz subjetividades voltadas ao desempenho e ao consumo, como também estetiza o azar, convertendo a aposta em narrativa de sucesso e superação.

Em síntese, os resultados evidenciam que as apostas esportivas constituem um campo privilegiado para compreender o funcionamento contemporâneo da ideologia: um espaço em que o indivíduo, seduzido pela promessa de liberdade e riqueza, participa ativamente de sua própria dominação simbólica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação buscou compreender criticamente as relações entre a alegoria da sorte, a estrutura ideológica da meritocracia e a expansão das apostas esportivas no contexto da racionalidade neoliberal. Partindo da hipótese de que a sorte opera, nesse cenário, como um dispositivo ideológico de falseamento da realidade social, foi possível demonstrar como os discursos meritocráticos são ressignificados de modo a legitimar desigualdades estruturais e naturalizar a precarização das condições de vida, sobretudo entre os segmentos mais vulneráveis da classe trabalhadora.

Ao longo do percurso argumentativo, observou-se que a ideologia neoliberal, ao reconfigurar o papel do Estado, dos direitos sociais e da própria noção de cidadania, institui um ethos competitivo e individualista, no qual a responsabilização do sujeito pelo sucesso ou fracasso é elemento central. Nesse sentido, as apostas esportivas e os jogos de azar passam a desempenhar uma função simbólica fundamental: servem como instrumentos de consolidação de uma racionalidade que combina, de maneira paradoxal, o culto à meritocracia com a crença na sorte como fator determinante do êxito.

Com base na perspectiva marxiana da ideologia enquanto falseamento das condições materiais da existência, identificou-se que os jogos de aposta não apenas reforçam uma lógica de mercado orientada à acumulação, mas também atuam na esfera da subjetividade, ao constituírem imaginários sociais que deslocam a atenção das contradições do modo de produção capitalista para elementos ilusórios como o acaso e o mérito

individual. A sorte, nesse contexto, deixa de ser compreendida como um elemento aleatório e assume papel estruturante na legitimação simbólica do neoliberalismo.

A pesquisa também evidenciou, por meio da retomada histórica da regulamentação das apostas no Brasil, que o avanço da agenda neoliberal ocorreu de modo gradual e estratégico, especialmente a partir dos anos 1990, culminando na consolidação de um ambiente propício à financeirização e à exploração de práticas lúdicas como mecanismos de arrecadação e controle social. Assim, a interseção entre neoliberalismo, jogo e ideologia revela-se um campo fecundo para a análise crítica das formas contemporâneas de dominação simbólica e material.

Dessa forma, conclui-se que o estudo das apostas esportivas deve ser compreendido para além da superfície econômica ou moralista em que frequentemente é abordado. Trata-se de uma expressão concreta da racionalidade neoliberal em sua dimensão mais profunda, que incide sobre os corpos, as subjetividades e os desejos, produzindo sentidos e afetos que sustentam a reprodução do capital sob a aparência da liberdade e da escolha individual. Ao escamotear as estruturas sociais excludentes, o discurso da sorte esvazia o potencial crítico da experiência cotidiana e reafirma a ideologia dominante sob novas formas.

Em vista disso, este trabalho propõe que futuras pesquisas avancem na análise dos efeitos psicossociais das apostas sobre os sujeitos, bem como na investigação das estratégias comunicacionais que articulam influenciadores digitais, plataformas de aposta e a disseminação de valores neoliberais. Compreender tais mecanismos é passo essencial para o enfrentamento das desigualdades e para a construção de alternativas que restituam à política e à coletividade seu papel emancipador.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado: notas para uma investigação. Tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILE, Pablo (org.). Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado Democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. Infoproletários: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

BARBOSA, Felipe Augusto Bezerra; NEGREIROS FILHO, Thomaz. A responsabilidade civil das casas de apostas esportivas. Ensaio de Responsabilidade Civil. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: <https://www.editorafi.org/445ensaioresponsabilidade>. Acesso em: 5 out. 2024.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução: Renato Soares. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre (Org.). A miséria do mundo. Tradução: Lucy Magalhães et al. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Tradução: Daniela Kern; Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão: seguido de A influência do jornalismo. Tradução: Rita Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CAILLOIS, Roger. Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem. Tradução: Jorge Lima Barreto. Lisboa: Cotovia, 1990.

CALDAS, Natã Filipi Naves. Novas Regras Tributárias das Apostas Esportivas: Lei nº 14.790/2023. Publicação: 25 jan. 2024. Disponível em: <https://direitotributario.com/lei-apostas>. Acesso em: 5 mar. 2025.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Tradução: Sergio Tellaroli. 13. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

FILGUEIRAS, Luiz. A história do Plano Real: fundamentos, impactos e contradições. São Paulo: Boitempo, 2000.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas: selecionados. Tradução: Maria Laura de Azevedo. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HAN, Byung-Chul. Infocracia: a ditadura da transparência. Tradução: Sérgio Tellaroli. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. O bom entretenimento. Tradução: Sérgio Tellaroli. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução: Lucas Matos. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HARVEY, David. O neoliberalismo: história e implicações. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1999.

IL'IN, A. N. Neoliberal narrative about competition and equality of chances. Вопросы Культурологии, v. 5, p. 355-370, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33920/nik-01-2305-01>. Acesso em: 11 maio 2025.

JEFFERS, M. T. Luck and the Limits of Equality. The Monist, v. 49, n. 3, p. 397-429, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/05568641.2020.1762114>. Acesso em: 11 maio 2025.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

LORDON, Frédéric. A sociedade dos afetos: para um estruturalismo das paixões. Tradução: Célia Ribeiro. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARCUSE, Herbert. O homem unidimensional: as implicações ideológicas do capitalismo tardio. Tradução: Sérgio Cardinal. 16. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PETACH, L.; RAINES, J. P. The House Always Wins: Gambling as a Veblenian Social Practice. *Journal of Economic Issues*, v. 58, n. 2, p. 619–626, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00213624.2024.2344445>. Acesso em: 11 maio 2025.

RAMEY, J. A. Neoliberalism as a political theology of chance: the politics of divination. *Palgrave Communications*, v. 1, n. 1, p. 15039, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/PALCOMMS.2015.39>. Acesso em: 11 maio 2025.

SANDEL, Michael J. A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução: Marcos Santarrita. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SIMMEL, Georg. A psicologia do dinheiro. Tradução: Renato Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

THOMPSON, Richard J. Gambling in America: an encyclopedia of history, issues, and society. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2017.

YOUNG, T. R. The Sociology of Sport: Structural Marxist and Cultural Marxist Approaches. *Sociological Perspectives*, v. 29, n. 1, p. 3–28, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1388940>. Acesso em: 11 maio 2025.

ZIZEK, Slavoj (Org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 1996.